

O dinheiro canta grosso

DE SÃO PAULO

São Paulo, fevereiro — Quem leu algumas páginas da História norte-americana do tempo em que a alucinação de "fazer dinheiro" empolgou uma jovem burguesia em plena expansão e subverteu os valores da moral e da política — não pode deixar de se lembrar disso visitando S. Paulo de hoje. Se aqui existe uma classe rica já antiga, e capaz de viver e sentir, digamos assim, com certo estilo; se há homens já habituados a serem ricos e que se dedicam a coisas de benevolência ou de arte, e se preocupam com as formas materiais e espirituais de elegância e bom gosto — há também uma turma nova, audaciosa e voraz, que sabe ganhar dinheiro brutalmente e aplica-lo com certa violência. Essa gente despreza todos os constrangimentos, e quando ambiciona alguma coisa compra ou aluga — paga — e vence. Por exemplo: uma cadeira de deputado. Nunca a política paulista foi tão claramente dominada como nestes tempos por uma tão aintosa mistura de demagogia e corrupção. Quanto custa o diretório de tal partido em tal município; quanto vale? O dinheiro canta grosso, o diretório adere em massa ao pagante.

Não neguemos, com um pessimismo barato, que outros valores também não funcionem. Mas o valor do dinheiro funciona agora, violento e cru, a sêco. Narram-me histórias edificantes. Mas eu as deixo de lado para contar dois casos que só indiretamente têm relação com a política, mas exprimem bem essa fúria do "make money" que empolga várias camadas sociais.

Em primeiro lugar a proeza desse contador, quase gênial, de uma grande casa importadora de rádios, capital de 20 milhões de cruzeiros. Conseguiu passar para o seu bolso nada menos de 18 milhões, ou sejam 90 por cento. Belíssimo "record" nacional, talvez internacional. E ainda armou uma tal embrulhada que, preso, no lugar de se defender, acusa o patrão — um eminente líder conservador, que foi candidato à senatoria. Mesmo se pegar alguns anos de cadeia — creio que são cinco, no máximo — ninguém nega que ele é bastante hábil para conservar a maior parte de seu dinheiro e depois terá uma vida folgada e macia.

Em segundo lugar a história daquela senhora loura que está sentada na mesa vizinha, neste bar em que venho reencontrar velhos amigos. Seu nome apareceu há tempos nos jornais, em um caso escandaloso de compra e venda política. Mas sua fama não vem disso. Sua proeza é mais brilhante. Conheceu um homem, e com ele andou às voltas uns quarenta dias. O homem sofria do coração e estava proibido pelo médico de qualquer extravagância. Mas a loura era linda, e o que se leva deste mundo? O homem rebentou ao fim de quarenta dias, deixando em testamento à sua bela amiga algumas dezenas de milhões e a tutela do filho. Há pessoas que se julgam lesadas, pois esperavam herdar do ricoço, e protestam.

Eu sou neutro no caso, e me limito a notar que a loura é bem talhada, tem um nariz interessante e bebe com elegância. O morto podia não ter muito juízo (não sei) mas pelo menos tinha bom gosto.

São histórias paulistas deste momento: mas não são as menos edificantes. São apenas as mais pitorescas...

15. 2. 57 R. B.